

ALTERIDADE E VALOR: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE PLATÃO, SAUSSURE E DUCROT

Cristina RÖRIG
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Bolsista CNPq/CAPES
rorig.c@gmail.com

Joseline Tatiana BOTH
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
jositboth@gmail.com

Resumo: Objetivamos refletir sobre o possível diálogo entre Platão, Saussure e Ducrot, envolvendo a alteridade. Para isso, inicialmente, concordamos com Ducrot (2009), para quem a concepção de alteridade presente em Platão aparece também em Saussure, uma vez que “o *Cours de linguistique générale*, no capítulo sobre o Valor, não faz senão aplicar às palavras da língua o que Platão disse sobre as Ideias” (DUCROT, 2009, p.09). O valor linguístico constitui um elemento da significação (a qual decorre da relação entre significado e significante), sendo que o valor de um signo, como parte integrante de um sistema, resulta da presença de outros signos. Nessa ótica estruturalista, os signos definem-se uns em relação aos outros e só assim podem ser analisados, já que não faz sentido observá-los em si mesmos, separadamente. Além dessa relação, pretendemos mostrar quais efeitos a teoria do valor, presente no Curso de Linguística Geral (CLG), teve na Teoria da Argumentação na Língua (ANL), a qual visa o estudo do sentido das palavras em uso. Dessa maneira, na proposta da ANL, os conceitos de *língua* e *fala*, tomados separadamente no CLG, sofrem alterações, sendo necessário considerá-los de forma articulada para a construção de sentido.

Palavras-chave: Alteridade; estruturalismo; semântica linguística.

1 Introdução

Alinguagem é um complexo sistema de relações. Todos os elementos funcionam em solidariedade, ou seja, se organizam e se constituem em relação com os outros. Nada está fechado em si mesmo, ao contrário, tudo se constitui por essa relação. A Biologia ensina-nos, há alguns anos, esta lição fundamental que Saussure tão bem havia explicado em seus cursos, falando sobre a linguagem.

Na natureza, todos os elementos fazem parte de um sistema maior que os compreende, os interliga. É impossível isolá-los para buscar compreendê-los. Explicando a ideia de relações, numa visão sistêmica, (também chamada de holística ou ecológica), o físico Fritjof Capra, em seu livro *A teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (1996), afirma:

(...) quando vemos uma rede de relações entre folhas, ramos, galhos e tronco, chamamos a isso de "árvore". Ao desenhar a figura de uma árvore, a maioria de nós não fará as raízes. No entanto, as raízes de uma árvore são, com frequência, tão notórias quanto as partes que

vemos. Além disso, numa floresta, as raízes de todas as árvores estão interligadas e formam uma densa rede subterrânea na qual não há fronteiras precisas entre uma árvore e outra. Em resumo, o que chamamos de árvore depende de nossas percepções (CAPRA, 1996, p. 48).

A partir dessa perspectiva, podemos perceber que o outro está na constituição de (praticamente) tudo, já que a compreensão da realidade está inserida numa ampla rede de relações. Ao estudarmos um fenômeno, o que fazemos é escolher uma forma de perceber essas relações, um modo de ver, o que também pressupõe uma ideia de ciência e de pesquisa como um modo de olhar a realidade, apenas, e não como algo passível de objetividade.

A linguagem, sistema vivo, é considerada neste trabalho como constituída pela alteridade. Entendendo a linguagem como um objeto heterogêneo, temos como principal objetivo, neste estudo, refletir sobre o possível diálogo entre Platão, Saussure e Ducrot, norteado pelo princípio da alteridade. Para realizar essa proposta, iniciamos nosso trabalho com a busca do conceito de alteridade em Platão. Após, voltamos nosso olhar para Saussure, procurando verificar a base filosófica que subjaz as reflexões desse linguista. Por fim, apresentamos a Teoria da Argumentação na Língua¹, de Ducrot, e como essa se relaciona com a alteridade de Platão e de Saussure.

2 A base filosófica: o conceito de alteridade

Em Platão, a linguagem conduz a algo que não ela mesma, o discurso pode dizer ou não a verdade, pois afirmar uma coisa não é necessariamente mostrar o que ela é (ROGUE, 2007). Esse pensamento contrapõe-se a uma concepção sofística segunda a qual a linguagem somente conduz a ela mesma, ou seja, basta falar para dizer a verdade (NEVES, 2005). Platão critica os sofistas ao verificar que estes enfatizam a aparência, a fabricação de imagens, e de belos discursos agradáveis ao ouvido, mas vazios de sentido, já que não atingem o ser (ROGUE, 2007, p. 27). Na visão filosófica de Platão, há uma busca maior pela sabedoria, dessa maneira, a palavra é vista na sua função de palavra de verdade, um discurso que deve dizer o ser, e não um instrumento de persuasão (NEVES, 2005).

No *Sofista*, segundo a leitura de Neves (2005), a investigação sobre a linguagem deixa de centrar-se na nomenclatura, em que o nome é o indicador da coisa, e a função de mimese² se atribui ao logos. O logos é o indicador das coisas por meio de uma combinação que engloba verbos e nomes. Há uma diferenciação entre o dizer e o denominar, sendo que *a verdade não*

¹ A Teoria da Argumentação na Língua é uma proposta linguística de cunho estruturalista e enunciativo. Ao acompanharmos o desenvolvimento da Teoria, podemos perceber que o pensamento de Oswald Ducrot constrói-se sempre buscando comprovar o axioma: a argumentação está na língua. Os trabalhos de Ducrot focalizam, inicialmente, a pressuposição e os atos de linguagem, em artigos publicados nos anos de 1960. Como seguimento de suas reflexões e contando com a colaboração de Jean-Claude Anscombe, o estudo é direcionado para as palavras que organizam o enunciado e a teoria polifônica, organizando a publicação da obra “A argumentação na língua”, de 1983, sendo esse período conhecido como a *forma standard* da teoria. Seguindo os estudos, passa-se para uma definição da argumentação decorrente da totalidade do enunciado com a consideração de uma integralidade dos elementos que constituem o seu sentido. Nesse momento, marca-se a fase da *teoria dos topoi*. A versão atual da teoria da argumentação na língua inclui as concepções de modificadores realizantes e desrealizantes e a *teoria dos blocos semânticos*, esta desenvolvida com a colaboração de Marion Carel a partir de 1992. Esse foi um pequeno esboço do percurso teórico de Oswald Ducrot, sendo que uma apresentação da teoria em todos os seus desdobramentos não caberia nesta introdução.

² Mimese - por imitação, o nome representa a coisa ou a ideia, os objetos são uma sombra da esfera ideal.

é buscada no nome, mas atribuição de um verbo a um nome corresponde à atribuição de uma propriedade a uma coisa (NEVES, 2005, p. 59). O logos é também uma expressão sobre algo, assim, o discurso enuncia algo existente em relação a uma coisa e não simplesmente uma coisa. Para Platão, o logos é ao mesmo tempo o discurso e seu aspecto lógico, o raciocínio (ROGUE, 2007).

A busca para encontrar o ser das coisas pelo logos dá-se através de um método, herdado de Sócrates e fundado sobre o diálogo: a dialética. Nesse método, há um exame da validade de uma tese entre um questionador e um respondente. Pela dialética não ocorre um confronto em que há um vencedor, como faziam os sofistas, mas sim há uma procura pela verdade a ser atingida em comum, *e as teses apenas são oferecidas à refutação na esperança de alcançar aquela que não será mais refutável* (ROGUE, 2007, p. 42). Está em jogo a tese discutida, não importando a identidade daquele que a sustenta. O discurso da dialética é, assim, a pesquisa da verdade em conjunto, válida em todos os tempos e todos os lugares. Como essa pesquisa da verdade coloca os dois interlocutores em uma relação de proximidade, leva ao conhecimento do outro e de si mesmo através dele.

Além disso, pela dialética, diz-se o que se pensa sobre um objeto, com uma dissimetria do saber - quem não sabe pergunta e quem sabe responde. Por meio do jogo de perguntas e respostas, há um exame da tese proposta, e, ao final, se a tese examinada é consistente, ela sairá validada da conversa e o que não sabia terá aprendido. Caso a tese não seja consistente, aquele que acreditava saber terá consciência do erro que cometia ao crer saber o que não sabia (ROGUE, 2007).

Para Platão, a linguagem está na base da conexão entre os gêneros do ser, ou como denominou Ducrot (2009a), das categorias fundamentais da realidade, em número de cinco, sendo elas: o Ser, o Repouso, o Movimento, o Mesmo e o Outro. Da classificação estabelecida por Platão, Ducrot (2009a) ressalta a importância da categoria do *Outro*, que é, segundo o linguista, o gênero fundante de todos os outros gêneros por possuir uma natureza absolutamente singular. Entre os gêneros, a natureza do outro faz cada um deles outro que não o *ser*, conseqüentemente, *não-ser*. Dessa maneira, cada um dos gêneros corresponde a um *não-ser* e a um *ser*, pelo fato de participar do *ser*. O *não-ser* não é contrário ao *ser*, somente ele é outra coisa que não o *ser*. E o *não-ser* não é inferior em ser a nenhum outro. *O Movimento é o aquilo que ele é, pelo fato de que ele é outro, diferente do Repouso, Mesmo...etc* (DUCROT, 2009, p. 10). Segundo Ducrot (2009), identifica-se no desenvolvimento da relação entre os gêneros uma teoria platônica da enunciação em que o *ser* tem o poder de comunicar ou de relacionar as Formas, e o *não-ser* refere-se à alteridade.

Com relação ao discurso, na visão de Platão, *todo discurso é necessariamente discurso sobre alguma coisa e, por isso, deve ter uma qualidade, isto é, será ou não será conforme ao que é* (NEVES, 2005, p. 60). Dessa concepção decorre que o discurso pode ser verdadeiro quando diz de alguém o que é tal como é, ou falso, quando diz coisa diferente daquela que é. E todo discurso, verdadeiro ou falso, é sobre alguma coisa.

No *Sofista*, a linguagem é uma manifestação do ser como comunhão de gêneros. É no discurso que se expressam as relações existentes entre as coisas que as palavras representam, é no dizer que se expressa o *ser* (verdade) ou o *não-ser* (falsidade). Somente pelo discurso é possível relacionar os agentes e as ações, um fato e o autor desse fato.

Por essas breves considerações acima apresentadas sobre Platão, temos que a teoria da alteridade platônica enfatiza no seu fundamento maior, a essência do Outro, a qual circula por meio de todas: Movimento, Repouso, Mesmo e Ser, diferenciando cada uma delas das demais devido a sua participação na natureza do Outro (DUCROT, 2009a, p. 10). Pensamos que essa alteridade enquanto o *outro* de Platão pode ser relacionada ao estudo do signo, pelo o conceito de valor de Saussure, e ao sentido, na relação entre segmentos, pela noção de bloco semântico de Carel e Ducrot (2005). Isso é o que explicaremos no item seguinte.

2. Diálogos com estruturalismo: a noção de valor e relação e a alteridade

Os pensamentos de Ferdinand de Saussure, no Século XX, estabelecem um primeiro ângulo de observação científico da Linguística, uma nova maneira de focalizar a linguagem em relação aos estudos precedentes³ (NORMAND, 2009). Sabemos que os conceitos apresentados no Círculo de Linguística Geral (CLG), obra póstuma⁴, são amplamente conhecidos. No entanto, verificamos que atualmente há uma série de discussões que buscam esclarecer mal-entendidos relacionados a Saussure (NORMAND, 2009; DEPECKER, 2009). Por isso, consideramos pertinente, mencionar brevemente alguns conceitos fundadores de todo um pensamento linguístico subjacente às teorias enunciativas, dentre essas a ANL. Para isso, tomaremos a alteridade como norteadora da observação dos conceitos propostos por Saussure a fim de compreender alguns efeitos da “alteridade saussuriana” na ANL.

Ao refletir sobre a linguagem, Saussure⁵ depara-se com o fato de que essa é formada por vários aspectos simultaneamente: o da realização vocal da língua, o de possuir um lado individual e um lado social, sendo um concebido em função do outro, o fato de ao mesmo tempo a linguagem conter um sistema estabelecido e uma evolução. Esses fatores mostram uma impossibilidade de tomar a linguagem como objeto integral, sendo que *se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si* (CLG, 2000, p. 16). Em decorrência dessas questões, a fim de elaborar uma maneira de estudar a linguagem, Saussure delimita como objeto de estudo a língua⁶.

A língua permite estabelecer princípios de classificação, sendo algo adquirido e convencional (CLG, 2000 p.17), é *a língua que faz a unidade da linguagem* (CLG, 2000, p. 18). Ressaltamos que a língua para Saussure é resultante de um conjunto de princípios extraídos da observação das línguas faladas, idiomas, (DEPECKER, 2009), que somente estaria completo se fosse possível abarcar as imagens verbais guardadas por todos os indivíduos para atingir o conjunto social que constitui uma língua (CLG, 2000, p. 21). A língua é o tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade.

Associada à língua está a fala. Essa é um ato individual de utilização da língua para exteriorizar os pensamentos, a fala se subordina à língua. A fala, como manifestação de uma

³ Os estudos da linguagem, até o século XVIII, na Europa, seguiam uma tradição ancorada, principalmente, na filosofia grega e com bases lógicas ou filosóficas. Havia a falta de um olhar investigativo para o funcionamento da linguagem, sendo que a língua era objeto de especulação. A partir da descoberta do Sânscrito, observa-se uma relação de parentesco entre as línguas (indo-européias); o estudo linguístico realiza-se dentro dos quadros da gramática comparada e a linguística se caracteriza como uma ciência histórica. No entanto, a linguística histórica não explica questionamentos sobre a natureza do fato linguístico, realidade da língua, funcionamento da linguagem, relação entre som e sentido. Assim, sente-se a necessidade da elaboração de um novo aparato de definições e um novo método de análises. Nesse contexto, surgem os ensinamentos de Ferdinand de Saussure, no Século XX.

⁴ O livro foi organizado por Albert Sechehaye e Charles Bally, a partir de três cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra.

⁵ Decidimos apresentar as ideias de Saussure tomando por base o *Curso de Linguística Geral*, concordando com Normand (2009), para quem esse livro constitui-se num texto de ideias originais sobre a linguagem. É preciso, também, ler esse texto por si mesmo, e não por referência a seu autor. Sabemos que Saussure é muito mais do que essa obra póstuma, no entanto, foi essa publicação, principalmente, que influenciou as teorias que tomamos como norteadoras de nosso trabalho de pesquisa.

⁶ A língua é um conceito em construção, que, segundo Depecker, 2009, Saussure não cessa de elaborar durante seus escritos.

língua, oferece dados observáveis que conduzem a generalizações e permite ao linguista alcançar seus objetivos, entre eles, o de examinar as leis gerais da linguagem. Dessa forma, passa-se da função de fazer comparações, maneira adotada para os estudos linguísticos anteriores a Saussure, à função de fazer generalizações, após o caráter científico dado por Saussure à Linguística.

Para Saussure, a língua é constituída por um sistema de signos que exprimem ideias, ou seja, é um conjunto de formas potencialmente realizáveis. A língua ser um sistema não é o fato novo apresentado por Saussure, mas sim a definição mais precisa sobre a impossibilidade de apreender as unidades linguísticas fora do sistema em que elas se encontram, pois o sistema lhes dá realidade. As expressões linguísticas somente existem para um locutor por meio das relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido (NORMAND, 2009). Assim, o sistema define uma ordem própria da língua.

No CLG, encontra-se também uma separação metodológica entre língua e fala, que permite a criação de duas Linguísticas: a Linguística da Língua, que tem por objeto a língua e é *social em sua essência e independe do indivíduo* (CLG, 2000, 27); a Linguística da Fala, que tem por objeto a fala e refere-se ao individual, englobando a fonação e a parte psicofísica da linguagem (CLG, 2000).

Nesse momento, trazemos a alteridade de Platão para entender essa distinção entre duas linguísticas. Se a língua é diferente da fala, não é porque a língua possui em si mesma tal ou qual característica positiva que podemos perceber quando a consideramos isoladamente, característica que se mostraria diferente daquelas, igualmente positivas, que possui a fala. Ao contrário, a diferença entre língua e fala é constitutiva dessas mesmas noções. A língua é o que é, pelo fato de que é diferente da fala, mas é através da fala que podemos ver a língua, e é por meio do reconhecimento da fala que podemos conhecer a língua.

Para a criação de um sistema linguístico, surge a importância da coletividade para o estabelecimento de valores. A concepção do valor implica mostrar, primeiramente, que não é possível, para Saussure, partir dos termos para a construção do sistema. Um termo não é a união de uma ideia a um conceito. O valor linguístico constitui um elemento da significação (a qual decorre da relação entre significado e significante), sendo que o valor de um signo, como parte integrante de um sistema, resulta da presença de outros signos.

Em Saussure, o valor é formado por relações e diferenças com outros termos da língua, pode ser determinado por *uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra, cujo valor resta determinar* (CLG, 2000, p.134); ou por *coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa* (CLG, 2000, p.134). Assim, a palavra, como parte de um sistema linguístico, possui uma significação e um valor. Da mesma forma, o que se afirma sobre as palavras é aplicado às entidades gramaticais. Ao dizer que os valores correspondem a conceitos, compreende-se serem os conceitos definidos negativamente por suas relações com outros do sistema, *um é o que outro não é* (CLG, 2000, p.136).

Outra consideração relevante é a de que o fato de uma palavra significar alguma coisa pode corresponder a uma afirmação exata e a uma ideia da realidade, mas não implica exprimir um fato linguístico na sua essência e sua amplitude. No entanto, embora o significado e o significante sejam considerados puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo. Ao comparar signos entre si, pode-se falar em distinção, e não diferença, pois entre os signos existe apenas oposição (CLG, 2000, p.140).

Essa noção de valor de Saussure pode ser relacionada à alteridade de Platão. Segundo Ducrot (2009a, p. 10), *o Cours de linguistique générale, no capítulo sobre o Valor, não faz senão aplicar às palavras da língua o que Platão disse sobre as Ideias*. A noção de valor implica mostrar, primeiramente, que não é possível, para Saussure, partir dos termos para a construção do sistema. Um termo não é a união de uma ideia a um conceito. O valor linguístico constitui um elemento da significação (a qual decorre da relação entre significado

e significante), sendo que o valor de um signo, como parte integrante de um sistema, resulta da presença de *outros* signos.

Saussure estabeleceu a oposição língua/fala ao definir a língua como o objeto de estudos da Linguística, atribuindo um caráter científico para a investigação sobre a linguagem. Por outro lado, pela ANL, o sentido se constrói na articulação entre língua e fala e se verifica nas relações estabelecidas entre o uso das palavras e das frases no enunciado, como mostraremos no item seguinte.

3. A Teoria da Argumentação na Língua: influências das bases filosófica e estruturalista

Neste momento, discutiremos como as questões referentes ao princípio de alteridade de Platão, e de valor e relação de Saussure, refletem na construção da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), também chamada, Semântica Argumentativa.

O entendimento de que Saussure criou as bases para que pudesse ser construída uma semântica linguística, por meio da noção de valor, especialmente, nos leva a crer que a Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot, e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), de Marion Carel, têm seus fundamentos fortemente vinculados ao “estruturalismo linguístico”. Na verdade, é o próprio Ducrot quem faz questão de anunciar, em alguns de seus textos, essa filiação e o desejo de manter-se fiel a algumas noções saussurianas.

Em termos gerais, pode-se dizer que a ANL é uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica linguística à medida que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessas expressões com outras expressões da língua (CAREL; DUCROT, 2005).

A influência da proposta saussuriana na teoria elaborada por Ducrot torna-se evidente no fato de este restringir seu campo de estudos à linguagem, buscando explicá-la por ela mesma, ou seja, adotando o princípio de autonomia da língua e recusando a referência ao mundo, à exterioridade. Essa noção permeia todo o trabalho da ANL que, em seu desenvolvimento, tenta ajustar-se cada vez mais à ideia de que é necessária uma teoria linguística que não tenha que recorrer a aspectos externos e que descreva os fatos linguísticos em relação com outros.

O ponto fundamental é que gostaríamos de renunciar radicalmente a qualquer descrição não linguística do significado das expressões da língua. Tomando ao pé da letra a ideia saussuriana de que o significado é parte integrante do signo, concluímos que ele não pode consistir nem em coisas [...], nem em ideias [...]. (DUCROT; CAREL, 2008, p.9)⁷

Ao abordar o problema da referência a uma exterioridade que o uso da língua implica, Ducrot (1984) afirma que a palavra exige ser posta em confronto com um mundo que possua uma realidade própria, ou seja, o fim da palavra não reside nela mesma, mas está voltado para seu exterior. O seu valor depende de uma realidade *apresentada* como independente dos discursos produzidos sobre ela.

⁷ Texto publicado originalmente como “Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation.” In. PERRIN, Laurent (Org.). *Le sens et ses voix. Recherches linguistiques*. N 28. Presses Universitaires de Metz, p. 215-243, 2006.

Essa alusão ao mundo exterior que a palavra contém (pela afirmação, pela ficção, pela ordem ou desejo) é necessária para que não a entendamos como contendo um valor mágico. O autor afirma *Mesmo que a palavra do mágico produza a cura, ela não é essa cura* (DUCROT, 1984, p.419), isto é, mesmo que a palavra seja considerada “senhora da realidade”, essa realidade lhe é exterior. Para Ducrot, desde que haja um dizer há uma orientação necessária para aquilo que não é o dizer. A questão importante aqui é que não se trata de buscar o valor de verdade da palavra, mas, sim, entender que *o referente de um discurso não é, assim, como por vezes se diz, a realidade, mas sim a sua realidade, isto é, o que o discurso escolhe ou institui como realidade* (op.cit., p. 419). Em outras palavras, a linguagem não representa a realidade, o mundo, mas, por meio dela, o locutor apresenta a sua realidade, o seu mundo. Se não fosse assim, não seriam possíveis inúmeros discursos em torno de um mesmo referente.

Ducrot, no mesmo artigo que trata do referente, aborda também a distinção entre sentido e referente para tentar esclarecer o que no discurso é interno (mas relativo a uma realidade independente) e o que é externo (mas visado por ele). Passando por reflexões diversas sobre o assunto, o autor chega a Saussure e especificamente à teoria do signo. O autor afirma que um dos grandes paradoxos de Saussure é o de ter defendido a natureza bifacial do signo, uma associação entre um significante e um significado. Se o referente aparece no CLG *é só de uma forma negativa, como entidade vazia, como algo com que o significado não deve ser confundido. No entanto, apesar deste modo indirecto de estar, ele é absolutamente necessário ao sistema: a teoria do signo como entidade dupla impõe a distinção entre dois níveis semânticos, um interno, parte do signo, [...] o outro, exterior [...]*. (DUCROT, 1984, p.423-424).

Ao introduzirmos a ideia de sentido além da de referente, poderíamos efetuar, aparentemente, de acordo com Ducrot, a separação entre o que é exterior e o que é interior ao discurso. É possível colocar o referente fora do plano linguístico, mas neste plano, por meio do sentido, são introduzidos alguns traços do referente para que se possa localizá-lo.

O problema é que a questão não é tão simples e as dificuldades vão além dessa aparente separação. Ao se referir a um conceito (significado), como parte integrante do signo, Saussure o diferencia das ideias universais pela noção de valor. O valor de uma palavra é puramente negativo, ou seja, se dá por oposição às outras palavras da língua. No entanto, esse princípio, considerado um tanto ambíguo, faz com que persistam as dificuldades em se encontrar um nível intermediário entre o significante e o referente.

Ainda discutindo a temática da referência, Ducrot utiliza os seguintes exemplos para ilustrar que é o discurso, ou seja, produzido pela enunciação, que apresenta “as realidades” de uma ou outra maneira: *Não é o imperador, é o teu amigo que te fala e Ele não gosta da mulher, gosta da filha do patrão*. Nos dois casos o referente não é exatamente o ser descrito pela expressão referencial, mas esse ser *tal como é descrito* (DUCROT, 1984, p.454), ou, em outras palavras, os referentes são os personagens criados pelo discurso.

Fazendo intervir essa noção de discurso, Ducrot produz a articulação prevista em Saussure entre língua e fala. Como vimos, Saussure percebe língua e fala como aspectos essencialmente relacionados, mas elege, naquele momento, a língua como seu objeto de estudo. Preocupado em realizar um recorte metodológico, elimina noções que fogem ao domínio específico da língua. Segundo Ducrot (1987), essa distinção entre língua e fala tem, em Saussure, duas funções, uma metodológica e outra, material. A primeira diz respeito à distinção entre o objeto construído pelo pesquisador e o dado do qual o objeto deve fornecer uma explicação. A segunda é interior ao dado, no qual há duas regiões opostas: a língua como sistema linguístico abstrato e a fala como atividade.

Ducrot, em sua teoria, concordando com a impossibilidade de separação desses dois aspectos (língua e fala), propõe-se a estudar também a fala, já que o uso da língua estaria

previsto no próprio sistema linguístico: *o objeto teórico “língua” não pode ser construído sem fazer-se alusão à atividade de fala. (...) deve conter uma referência àquilo que para Saussure constitui a fala* (DUCROT, 1987, p.64). Em relação a essa articulação, o autor afirma que a distinção metodológica deve ser projetada sobre o dado seguindo um traçado diferente do proposto por Saussure; em outras palavras, *introduzindo a enunciação no enunciado*⁸ (op.cit. p.65). Tal ideia apresenta-se como contraditória, aparentemente, já que *cada ato de enunciação constitui um acontecimento único, que implica um locutor particular, enquanto que o enunciado (a frase) permanece, por definição, invariável através da infinidade de atos de enunciação de que pode ser objeto* (op.cit. p.65). A verdade é que essa possibilidade torna-se viável tendo em vista que cada ato de enunciação funda-se num esquema geral da atividade linguística.

Na ANL, a língua é entendida como um constructo teórico e a fala como conjunto de dados observáveis. Nessa concepção, o signo, visto por Saussure como elemento da língua que só se define pela sua relação com outros signos, é relacionado à frase, uma estrutura abstrata que tem seu significado também constituído pelas possibilidades de relação semântica que ela pode manter com outras frases. Essa relação entre frases se dá na sua realização, por meio da enunciação, ou seja, no segmento do discurso. Quanto ao sentido, podemos dizer que a frase possui uma significação e o enunciado, um sentido.

No mesmo artigo, *Estruturalismo, Enunciação e Linguística*, Ducrot formula duas proposições importantes, ou melhor, centrais para seu estudo do sentido: *de um lado a semântica linguística deve ser estrutural. E, de outro, o que fundamenta o estruturalismo em matéria de significação deve levar em conta a enunciação* (DUCROT, 1987, p. 67).

Acerca da primeira proposição, o autor declara:

Ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, é definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros, ignorando voluntariamente aquilo que, na sua natureza individual, se defina apenas em relação aos objetos de outro domínio. Admite-se, assim, que algumas de suas relações mútuas não são uma consequência da sua natureza, mas que elas a constituem. (DUCROT, 1987, p.67)

Esse papel constitutivo da alteridade, já colocado por Platão, em *O Sofista*, e desenvolvido por Saussure, tem lugar central no escopo da ANL, que compartilha da ideia de que um objeto só pode ser descrito em relação a outros objetos e não apenas em relação a si mesmo. Em se tratando de uma pesquisa estrutural em linguística, faz-se necessário um “primado da linguagem”, ou seja, uma independência, mesmo que parcial, dos fenômenos da linguagem. Isso faz com que as entidades linguísticas sejam definidas umas em relação às outras. De acordo com Ducrot,

É por isso que se pode colocar, na base do estruturalismo em matéria de linguagem, o princípio saussuriano do arbitrário linguístico, princípio geral de que o arbitrário do signo é somente uma aplicação particular. Atribuindo à ordem linguística um caráter irreduzível, proibindo-a de fundar-se num outro nível de realidade, Saussure estabelece, a um só tempo, a legitimidade e a necessidade de procurar nela própria o princípio de sua racionalidade. (DUCROT, 1987, p.69)

Em relação à segunda proposição, de que o que fundamenta o estruturalismo em termos de significação deve considerar a enunciação, Ducrot (1987) explica que colocar a

⁸ Aqui o termo “enunciado” deve ser lido com o valor de “frase”.

enunciação no enunciado pressupõe que se tome como conjunto empírico não o enunciado, mas o ato individual de enunciação. Sendo estrutural, essa concepção propõe que o domínio da enunciação pede uma descrição autônoma, capaz de revelar uma inteligibilidade interna. Isto se deve ao fato de que todo ato de enunciação precisa ser “autoreferencial”, conforme expressão de Benveniste, mencionada por Ducrot (1987, p.72). Em outras palavras, para que se compreenda um ato de enunciação, é necessário remeter a ele próprio, o que faz com que não se encontre nenhum equivalente semântico para ele.

Por um longo período da história da linguística, esse entendimento de que o uso da língua, pela enunciação, produz sentido não se fazia presente. No texto *A descrição semântica em Linguística* (1987), Ducrot contrapõe a ideia de uma semântica paradigmática, realizada durante muito tempo, a uma semântica sintagmática. O estudo do sentido se restringia ao estudo do léxico, realizado a partir de oposições entre palavras de um mesmo campo nocional. Nesse modo de ver, as palavras já teriam uma significação que apenas seria acrescentada ao discurso. No segundo caso, a palavra não tem senão uma instrução, uma regra que permite prever seu efeito nos discursos, ela seria capaz, então, de produzir diferentes valores de acordo com os contextos em que é empregada.

Nesse sentido, de acordo com a ANL, temos que a significação da frase possui instruções, capazes de indicar ao alocutário caminhos para a construção do sentido do enunciado. A significação integra o sistema da língua, e o sentido, o uso. Sendo assim, é o conceito de instrução (da palavra, da frase) que explicita a vinculação entre língua e fala, frase e enunciado, texto e discurso.

Ao fazer uso da língua, o locutor relaciona palavras, frases, textos. Essa relação recebe o nome de valor argumentativo. Por meio do “valor argumentativo” dos elementos linguísticos que relaciona, o locutor expressa sua subjetividade e marca as relações de intersubjetividade com o seu alocutário. Esse valor argumentativo, que, em um primeiro momento do desenvolvimento da ANL, determina as possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva, está inscrito na própria língua. Dessa forma, a língua é constituída pela argumentatividade ou, em outras palavras, a significação é sempre argumentativa.

A argumentação constitui a língua, mas somente se completa e se efetiva, na fala. Por meio da fala, uso da língua, o locutor faz escolhas que revelam sua posição, demonstra sua visão em relação aos fatos, argumenta. A opção que faz por determinadas palavras, por exemplo, indica a continuação do seu discurso. Na língua, como constructo teórico, temos a frase que possui apenas uma significação, conforme discutimos anteriormente. Esta é aberta e dá indícios do sentido que ela poderá assumir no uso. O sentido como um todo só será preenchido no uso. Nesse contexto, entendemos que a língua prevê a fala (o uso) e esta, por sua vez, parte da língua.

Esse entendimento leva a uma construção importante, ou seja, a de explicitar um conceito de linguagem subjacente a toda formulação de uma semântica linguística. A linguagem, muito mais do que um instrumento de comunicação do qual o homem se apropria, muito mais do que simples forma de expressão do pensamento, é uma atividade essencialmente interativa. Essa interação entre interlocutores está prevista no próprio sistema da língua, não sendo apenas uma decorrência da fala. Na verdade, ela o constitui.

É em função dessa interação entre um “eu” e um “tu”, enquanto seres discursivos, que são constituídas todas as demais relações que compõem o discurso. A noção de relação, oriunda do que os pós-saussurianos chamaram de Estruturalismo, como podemos perceber, assume papel fundamental na teoria que, além de propor um estudo que percebe a articulação entre língua e fala, como constitutiva da linguagem, também percebe a relação entre palavras, entre frases e, principalmente, entre discursos como formas de construção do sentido. Ducrot afirma que um dos temas saussurianos importantes para sua teoria é a ideia *segundo a qual na língua só existem relações, a relação preexiste ao termo. Esta ideia – bastante misteriosa, há*

*que se reconhecer – está na base da teoria da argumentação.*⁹ (DUCROT, 1990, p.183, tradução nossa). Uma semântica estrutural deve estar fundamentada pela noção de alteridade como um valor constitutivo (DUCROT, 1987). Além disso, também dessas noções, provém o recorte do objeto de estudo da ANL, que se ocupa dos aspectos linguísticos em sua análise de enunciados.

4 Considerações finais

Após essas considerações teóricas, concluímos haver uma relação entre as teorias que apresentamos: concepção filosófica – de Platão; semiológica – de Saussure; argumentativa – de Ducrot. A relação entre elas se dá pelo fato de todas abordarem de alguma forma questões de linguagem e de haver a possibilidade de transpor o princípio da alteridade da filosofia para essas teorias linguísticas. Mesmo assim, cada teoria mantém a sua unidade própria em relação a seu objeto de estudos.

Como procuramos mostrar neste texto, o Outro, a alteridade, permeia a noção de valor, em que o sentido de uma palavra não preexiste à sua relação com outras palavras em um sintagma. Não há um sentido dado de antemão que se agrega a outros e, sim, um sentido que se estabelece em referência a outra(s) palavra(s). Daí se tem que na língua o que existem são diferenças.

O sentido de uma palavra, para a ANL, dar-se-á no seu uso, sendo preciso atribuir um valor semântico ao enunciado, o qual está inscrito na frase pela significação. A significação indica um possível sentido que terá o enunciado de uma frase no uso. A descrição semântica de uma frase permite calcular o(s) sentido(s) atribuível(veis) a um enunciado na situação de seu emprego. Isso aponta para a necessidade do linguista tomar o texto como instrumento necessário para a construção do sentido. O texto contém em si indicações para que o alocutário construa seu significado, e também, contém manobras e encaminhamentos que desafiam o alocutário para chegar à compreensão do texto.

Se o discurso é percebido por Ducrot, desde o início da formulação da ANL, como a relação entre palavras, podemos pensar que o autor põe em prática algo anunciado muito antes por Saussure. Este já considerava que a língua é criada tendo em vista o discurso. Em uma bela passagem dos *Escritos de Linguística Geral* (2002a), Saussure se questiona a respeito da operação, ou do jogo que leva os conceitos da língua a formarem o discurso. Ele afirma, como já referimos, que uma sequência de palavras nunca indicará que alguém deseja comunicar algo. O discurso é, na verdade, uma sequência de elementos relacionados, produzindo sentido. Dessa forma, se a alteridade está na constituição do sistema linguístico, também podemos vê-la como constitutiva do discurso.

Para concluir, percebemos que a alteridade está no fundamento da própria existência da linguagem. Como dizia Saussure (CLG, 2000), não haveria possibilidade de língua se não houvesse a necessidade da fala; também não teríamos a linguagem se não fosse pelo outro que nos constitui e que nos ajuda a reconhecer quem somos.

Referências

⁹ “según la cual en la lengua sólo existen relaciones, la relación preexiste al término. Esta idea – bastante misteriosa, hay que reconocerlo – está a la base de la teoría de la argumentación”.

BOTH, Joseline Tatiana. **A teia do discurso: alguns aspectos da alteridade na linguagem.** 2011. 161 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semantica Argumentativa.** Una introducción a la teoría de los bloques semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DEPECKER, Loïc. **Comprendre Saussure.** Paris: Armand Collin, 2009. 184p.

DOSSE, François. **História do estruturalismo.** Tradução de Álvaro Cabral. Revisão técnica de Márcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: EDUSC, v.2, 2007, p. 72-75.

DUCROT, Oswald. Enunciação. In. **Enciclopédia Enaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional, Casa Nacional, 1984. p. 368-393.

_____. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987. 222p.

_____. La polifonía en lingüística In: _____. **Polifonia Y argumentación.** Conferencias del seminário teoria de la argumentacion y analisis del discurso. 1 ed. Cali: Universidad del Valle, 1990. p. 15-30.

_____. Nota sobre a pressuposição e o sentido literal (posfácio). In: HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita:** língua, sujeito e discurso. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p. 203-233.

_____. Sentido y argumentación. In: NEGRONI, María Marta, ARNOUX, Elvira. Narvaña de. **Homenaje a Oswald Ducrot.** Buenos Aires: Eudeba, 2004. p. 359-370.

_____. La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In: SAUSSURE, Louis de. **Nouveaux regards sur Saussure.** Mélanges offerts à René Amacker. Genève: Librairie Dolz S.A., 2006.

_____. Argumentação Linguística e Argumentação retórica. In: **Letras de Hoje,** Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009, p. 20-25.

_____. Prefácio. In: VOGT, Carlos. **O intervalo semântico.** 2 ed. ver. São Paulo : Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009a.

_____. _____. Descrição Argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. In: **Letras de Hoje,** Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

HENRY, 1992. **A ferramenta imperfeita:** língua, sujeito e discurso. Tradução Maria Fausta P. de Castro, com posfácio de Oswald Ducrot. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. 396p.

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional.** Uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 271p.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184p.

ROGUE, Christopher. **Compreender Platão**. 3ed. Tradução de CLASEN, Jaime A. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. 206p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 24ed. São Paulo: Cultrix, 2000. Tradução do francês Cours de Linguistique Générale por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

_____. **Écrits de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 2002 (a).

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Org. Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002 (b).